

## Humanização para além dos muros da prisão

*Por Raiany P. Gremes*

O racismo tem sido amplamente discutido em âmbito nacional e mundial, sendo alvo de críticas aqueles que não percebem o racismo explícito e implícito na sociedade, tampouco vislumbram o racismo estrutural arraigado nos seus modos e estilos de vida.

Em 02 de outubro do ano de 1992, a sociedade brasileira amargou um de seus mais tristes episódios de brutal violência contra a população negra. Na ocasião, trezentos e trinta policiais militares invadiram a Casa de Detenção de São Paulo – conhecida como Carandiru - executando um massacre que resultou em 111 mortos (ou mais, não se sabe). Ao serem identificados, percebe-se que nenhum dos mortos era policial militar. O chamado complexo do Carandiru tinha capacidade para dois mil presos, mas abrigava mais de 7 mil detentos, fato que serviu como combustível para o desfecho derradeiro.

O massacre ocorrido no Carandiru foi descrito em 1999 no livro “Estação Carandiru”, escrito pelo médico oncologista Dráuzio Varella. O autor conta a história, narrando fatos da vivência cotidiana dos presos, no período que antecede o massacre. Trabalhando como médico voluntário no presídio por 13 anos, conviveu com a problemática que envolve o sistema carcerário brasileiro. Varella relata a história de diversos presos, destacando, em cada capítulo, o nome dos detentos. Os detentos transformados em personagens prestavam serviço de apoio nas alas de enfermagem, ou então iam em busca de atendimento médico, o que possibilitou ao escritor uma aproximação maior para adentrar no mundo de cada um. Sem fazer juízos ou distinções, o autor mostra o lado humano e o que levou cada um dos indivíduos até ali. Além disso, descreve a situação de vulnerabilidade em que vivem os encarcerados, considerando fatores sociais envolvidos e o contexto socioeconômico de cada trajetória. A obra também demonstra a discrepância no número de negros e brancos dentre os apenados. Sendo que o primeiro grupo referido efetivo a maior parte da população carcerária.





Fonte: Companhia das Letras. Drauzio Varella, 1999.

Além da obra supracitada, a chacina do Carandiru também foi tema de uma canção composta por Josemir José Fernandes Prado – O Jocenir – e o cantor Mano Brown do grupo Racionais MCs. Jocenir foi preso injustamente em 1994 no lugar do irmão. Recorreu à liberdade, porém sem dinheiro para pagar advogado, teve então que se adaptar à vida da população carcerária. Em 1996 foi transferido para a Casa de Detenção (Carandiru), onde dividiu cela com sobreviventes do massacre. Cada um dos sobreviventes é uma história, é um livro, é um drama, relatou o compositor, numa entrevista para a Rede TV. Uma vez dentro da Casa de detenção, ele começou a ler o código penal para ajudar outros presos a recorrerem dos processos e, conseqüentemente, lia outros livros e os explicava para os colegas. Essa leitura e o auxílio que oferecia eram sua moeda de troca, para que conseguisse se manter longe de complicações e, dessa forma, se manter vivo dentro do presídio.





Jocenir conheceu Mano Brown em um dia de visitas. Ofereceu-lhe versos que mais tarde seriam adaptados e gravados por Brown, ganhando o prêmio de melhor clipe do ano. A canção é dividida em três partes: o dia anterior ao massacre, o dia do massacre e o dia posterior. O rap constrói/mostra um retrato sombrio, com detalhes escabrosos e chocantes, como pode-se perceber no seguinte trecho: “Ratatata sangue jorra como água/ Do ouvido da boca e nariz/ O senhor é meu pastor/ Perdoe o que seu filho fez/ Morreu de braços no Salmo 23/ Sem padre, sem repórter/ Sem arma, sem socorro/ Vai pegar HIV na boca do cachorro/ Cadáveres no poço, no pátio interno/ Adolf Hitler sorri no inferno”(BROWN E JOCENIR, 1997).

Essa história se passou em um tempo não muito distante, que deixou sequelas e que teve como resposta uma imediata organização por parte dos sobreviventes, como meio de defesa da sua condição humana dentro de um presídio. Em 1989, existiam 90 mil presos no Brasil. Hoje, há 730 mil, quase sete vezes mais. Significa dizer que a sociedade aumenta sua doença, enquanto perdura a invisibilidade das pessoas negras. Se não houver perspectivas para essas pessoas, não haverá conformação, e também não haverá solução para o encarceramento em massa da população negra. O Estado se recolheu, o número



da população carcerária aumentou, o racismo estrutural se consolidou e as políticas públicas não dão conta de reparar a situação das pessoas negras, de maneira que a sociedade não mais adoça. O problema das questões de criminalidade parece distante do fim. Varella, Jocenir e Brown escreveram obras que configuram uma realidade contemporânea realística e que merecem nossa atenção.

*Fontes/referências:*

Racionais MC's. Sobrevivendo no inferno. 1997.

Entrevista consultada: <https://www.youtube.com/watch?v=8Bv3NO5ymQo> – Entrevista do Jocenir na Rede TV com Maria Gabriela.

